

MARIA DOS PRAZERES

(Original em 3 atos de
Erico Cramer)

1º A T O

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA FUNDE COM MUSICA SUAVE EM B/G. PARA FUNDO DE TODAS AS NARRAÇÕES.

Narradora - Maria dos Prazeres Boa Nova era o seu nome. Mulata esbelta, bem feita de corpo, graciosa no andar e bonita como as mais bonitas da sua raça, Maria dos Prazeres, por onde passava, despertava nos homens - jovens ou maduros - um olhar de cobiça e de admiração. (P.e T). Quem era Maria dos Prazeres Boanova? Apenas uma mulata bonita e nada mais. Nascera anônimamente, como tantas outras, dos amores ilícitos de um cabo do destacamento com a preta Deolinda, costureira do Arsenal. Do pai, herdara o porte erecto e o andar cadenciado; da mãe, os dentes muito brancos na boca rasgada e o bamboleio de um corpo que se movia, sempre, em ritmo de samba. Aos dois devia o equilíbrio da sua cõr de sapotí maduro e o crespo não muito excessivo de uma farta cabeleira. (Pausa) Maria dos Prazeres Boanova não conheceu pai nem mãe. Quando estava prestes a nascer, o Destacamento recebeu ordem de embarcar para a Capital Federal e um navio cargueiro levou, pelo mar afora, aquele punhado de homens que eram reclamados em qual quer outro ponto onde a sua missão de vigilância se tornava mais necessária. A preta costureira foi ao cais do porto levar o seu adeus de despedida ao cabo Toríbio. Abraçou-o muitas vezes e, embora procurasse dominar a emoção que a sacudia, houve um instante em que foi obrigada a enxugar furtivamente duas grossas lágrimas que teimaram em saltar-lhe dos olhos, marcando dois sulcos brilhantes no preto opaco de suas faces.

OPERADOR - APITOS DE VAPOR, PRIMEIRO PORTES E DEPOIS EM B/G.

C/REGRA - BATIDAS DE CAMPAINHA, ANUNCIANDO A RETIRADA DO VAPOR.

ESTÚDIO - VOZARIO DE CAIS EM HORA DE DESPEDIDA - B/G.

Deolinda - (voz entrecortada de pranto represado) Vai timbora, Toríbio que o vapõ num dimora sai. (TOM) E leva isso, óis. É uns pastel que eu fiz pra ti cumê na viage. (PAUSA) E isso aqui é um dinheiro das urtimas custura, que eu guardei pra ti leva. EU Tá pode té alguma percisão... Não é muita coisa, mais sempre serve.

OPERADOR - LEVANTA OS APITOS POR MOMENTOS E VOLTA A B/G. MUSICA EM FUNDO.

Narradora - O cargueiro se afastou em breves minutos e a sua silhueta foi se perdendo, aos poucos, na distância, mal deixando distinguir os lenços brancos que scenavam, como azas de gaiotas, um adeus de saudade aos que ficavam!... Quando o véo espêsso da distância já não deixava entrever outra coisa que não fôsse uma nuvem de fumaça escura, muito ao longe, todos abandonaram o cais. Só a preta Deolinda permaneceu, ainda por muito tempo, olhando o vazio do horizonte, mordendo os lábios grossos e arroxeados e fitando as aguas verdes e profundas que

acabavam de roubar-lhe as esperanças!...

Deolinda - (voz de pranto) Pronto... Agora sim... agora já não se vê mais nem a fumaça do vapô que levô ele!...

Narradora - (depois de pausa) Andando com passos trôpegos e lentos, como si a violencia da dôr a tivesse embriagado, a preta Deolinda iniciou a sua caminhada de retorno ao quarto deserto, os soluços arranhando-lhe o peito magoado... as lágrimas deslizando sobre a pele escura. (Pausa breve) Depois daquele dia... todos os dias... naquela mesma hora... lá estava ela, com os olhos presos ao mar, na esperança - quem sabe? - de que o mar lhe devolvesse aquilo que lhe roubara. (Pausa e tom) Sua figura já se tornara familiar aos marinheiros e portuários que, desconhecendo a tragédia que lhe mora na alma, e crendo-a louca, divertiam-se com os seus resmungos.

Deolinda - (meia voz) Ele tem que voltá pra eu não morré. Ele tem que voltá. Deus Nosso Sinhô tá sabendo que eu preciso dele agora e num vai me dexá eu nesse abandono.

Narradora - E ficava, durante muito tempo, com os olhos fixos nas águas verdes, como se esperasse que delas surgisse, de repente, a figura adorado do seu inesquecível Toribio. (Tom) Quando a tarde começava a agonizar, ela se retirava, lentamente, e a repetir, sempre, as mesmas palavras...

Deolinda - Inda num foi hoje... mais um dia ele volta. Aminhã, pode sé...

Narradora - (depois de pausa) E de repente, a figura da preta Deolinda deixou de ser vista pelos marinheiros e portuários. Desapareceu como que por encanto. Souberam eles, algum tempo depois, que ela baixara à maternidade da Santa Casa e dera à luz uma menina, tomando, ao sair, rumo ignorado. E todos os que conheceram a tragédia da sua vida e viram, mais tarde, a menina, eram unânimes em afirmar que ela nasceu com os olhos verdes, de tanto a mãe olhar para as águas do mar. (Pausa e tom) Diziam as más línguas que Deolinda abandonara a filha à sua própria sorte e seguira, como passageira clandestina de um cargueiro, à procura do cabo Toribio; entretanto dona Hortencia, uma viuva bondosa e de algumas posses, revidava esta versão.

Hortencia - Não é verdade que ela tenha abandonado a menina à sua própria sorte. Que ela tenha ido à procura do homem, não sei... o que sei é que ela só me entregou a filha por extrema necessidade e por saber que na minha companhia ela estaria melhor cuidada. E bastante sofreu, a coitada, por ter que se separar da filha. Ainda me lembro de todas as suas palavras, quando ela veio me entregar a criança.

Deolinda - (voz de choro e mágoa profunda) Venho pidi pra sinhora garrá ela, dona Hortencia, praquê eu num posso ficá ca pobrisinha. Num tenho força nem corage pra trabalhá mais e na minha cumpanha a coitadinha vai morré de fome. Sei que a sinhora é boa e vai cuidá de

la mais que fôsse eu.

Hortencia - E você, Declinda? Que vai fazer? Por que não fica também aqui?
Eu estou tão precisada de alguém que me ajude...

Declinda - Num posso, dona Hortencia, num posso. Eu tenho que ir embora desse lugar.

Hortencia - Mas para onde vai você, criatura?

Declinda - Num sei, dona. Pra qualquer lugar adonde eu ache um posto. Aqui num posto fica. É só por isso que eu peço pra senhora ficar ca Mariazinha pra ela num andar rolando que nem eu. Ela já tá batizada e tudo. A madrinha dela é a Nossa Senhora dos Navegantes.

Narradora - (depois de pausa) Dona Hortencia ficou com a menina. Criou-a, educou-a, e deu-lhe um certo preparo, recebendo, em troca, muito carinho e ternura. Aconteceu, no entanto, que dona Hortencia tinha também um filho, o Dorival, e um certo dia... quando ambos já estavam moços...

Dorival - Maria... Mariazinha... Maricotinha... você... você deixa eu dar um beijo em você, deixa?

Maria - Você me beija todos os dias, Dorival; que bobagem é essa?

Dorival - Mas é muito diferente. Um beijo na testa... na frente da mãe... não tem graça nenhuma. Eu falo beijo, beijo. De verdade.

Maria - Eu sei. Já entendi tudo.

Dorival - Você não acha que deve ser formidável um beijo daqueles como a gente vê no cinema?

Maria - Não acho, não. E só me deixarei beijar assim por um homem que goste de mim de verdade.

Dorival - Mas eu gosto tanto de você, Mariazinha, tanto!

Maria - Eu sei. O Jorge também dizia isso mesmo pra Zulmira e ela me contou o que aconteceu depois.

Dorival - Mas o Jorge não gostava dela, todo o mundo sabia. Ele só queria se divertir.

Maria - Mas eu já sei que os homens são todos iguais. Para conseguir o que desejam, mentem que gostam da gente e depois nos deixam aí atiradas com a nossa desgraça. Mas comigo, não. Eu quero me casar como as moças brancas: de véo e grinalda, na Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes que é a minha madrinha.

Dorival - Mas eu gosto de você, Maria. Acredite que gosto. E se você me desse ao menos uma esperança, eu falaria com a mãe e casaria com você?

Maria - Casaria, nada. Um rapaz moço e branco lá ia casar com uma mulata? E mesmo que você quizesse, dona Hortencia ia deixar?

Dorival - Ela vendo que a gente se gostava de verdade...

Maria - Não diga bobagem, Dorival. Dona Hortencia ha de querer pra você uma moça de boa família. Levante os seus olhos para os sobrados e deixe a poeira do chão.

Narradora - (depois de pausa) Mas aconteceu que a recusa de Maria dos Prazeres excitou fortemente o desejo de Dorival que acabou por se conven

cer de que estava verdadeiramente apaixonado pela mulata e, mesmo contra a vontade desta, conseguiu, finalmente, dominá-la.

Dorival - Eu gosto tanto de você, Maria, tanto, que não seria capaz de trocá-la pela princesa mais bela e mais rica deste mundo. No dia em que você abandonar a sua desconfiança e se convencer da intensidade do meu amor... nesse dia eu tenho a certeza de que me sentirei com forças para transpor qualquer obstáculo.

Maria - Que bom si eu pudesse saber que tudo isso é sincero em você, Dorival.

Dorival - Maria!... Se você diz assim... é porque sente no seu coração o desejo de poder...

Maria - (corta) Não, Dorival, não. Eu falei assim por falar... É um absurdo, uma tolice, um sonho doido que não deve ser alimentado nem mesmo num momento de fraqueza...

Dorival - (extase) Maria!... Agora é tarde para negar! E se você soubesse como eu me sinto feliz neste momento!...

Maria - (Querendo e não querendo) Não, Dorival, deixe-me. Não me abrace assim, por favor... É uma loucura, Dorival, solte-me... Não Dorival... Não... (começa a se render) Você está me apertando com tanta força... que eu... quasi nem posso... respirar... (rendendo-se) Não, Dorival... Não... Não me beije... (beijando) Não me beije... Não... me... beije... (Agonia) Não... me... (Pausa longa) (respira)

Dorival - (emoção, meia voz) Eu quero que você seja minha, Maria! Só minha!

Maria - Por mim... eu o seria, meu amor, mas... não alimento esperanças. Não nos deixarão.

Dorival - Engana-se. Agora... agora já não existirá ninguém com força bastante para impedir a nossa felicidade. Eu falarei com mamãe hoje mesmo e, dentro de pouco tempo, o nosso sonho será realizado.

Maria - (enlevada, sonhando) Na Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes... de véo e grinalda, como as moças brancas!...

Narradora - (depois de pausa) Dorival se sentia realmente feliz e Maria dos Prazeres muito mais ainda. Tinha como certa a oposição de dona Hortência, mas Dorival lhe parecera tão resoluto e tão confiante que ela já não tinha mais nenhuma dúvida de que haveriam de vencê-la. Foi com ansiedade imensa que ela esperou o despertar do dia seguinte, já que na véspera, à noite, Dorival ficara de falar com sua mãe e definir a situação. (Pausa e tom) Na hora de servir-lhe o café, como sempre o fazia, ela não se conteve e perguntou:

Maria - E então?... Que disse dona Hortência?

Dorival - (depois de pausa) Eu... eu não falei com ela.

Maria - (decepção) Não... não falou?!...

Dorival - (pausa breve, baixa o tom) Não, Maria.

Maria - (Depois de pausa) Por que? Tem medo? (Pausa) Eu sinto que tem.

Dorival - Não é profamente medo, Maria, é que... si eu ao menos já tivesse alguma coisa de meu... si não dependesse dela...

Maria - (Pausa e tom) Foi uma grande loucura o termos deixado nos arrastar por esse amor, Dorival. Dona Hortencia nunca consentirá no nosso casamento e você terá que se resolver a perder a mim... ou a ela.

Dorival - É... e eu não desejava perder nem uma nem outra.

Maria - Pois fale com ela, em todo o caso. Encha-se de coragem e fale.

Narradora - Durante todo aquele dia, Dorival se ensaiou para falar com a mãe, mas... não teve coragem. À noite, como Maria insistisse e já começasse a se mostrar aborrecida com ele, o rapaz não teve outro remédio sinhão procurar a mãe e falar-lhe. Ela estava na sala de música, ou vindo alguns discos da sua preferência, quando Dorival entrou timidamente.

OPERADOR - ENTRA COM MUSICA DE CAMBRA, MELODIOSA. NA FALA, CAI PARA B/G.

Dorival - (2º plano, depois de pausa) Dá licença, mãe?

Hortencia - (projetando) Entra, meu filho.

CONTRA REGRA - PASSOS QUE SE APROXIMAM.

Hortencia - Vieste me fazer companhia no meu concerto?

Dorival - Não, mãe, eu... eu precisava falar com a senhora.

Hortencia - Queres que desligue a ~~XXXXXXXXXX~~ vitrola?

Dorival - Se não lhe parecesse muita exigencia da minha parte...

Hortencia - Ora, meu filho, que esperanças! Eu posso ouvir depois, não tem importância nenhuma.

CONTRA REGRA - RUÍDO DE DESLIGAR ELETROLA.

OPERADOR - CORZA BRUSCAMENTE A MUSICA, JUNTO COM O RUÍDO DE DESLIGAR.

Hortencia - Pronto. (TOM) Que é que tú querias?

Dorival - Mãe, eu... eu nem sei como começar...

Hortencia - Que é isso, meu filho? Tú me pareces tão atropalhado...

Dorival - E estou mesmo, mãe. A senhora sabe que eu sempre fiz tudo para não aborrecê-la.

Hortencia - Sei, sim, meu filho. Tú sempre foste um filho atencioso e obediente.

Dorival - E gostaria de continuar a ser, mas... tenho tanto receio...

Hortencia - Vamos, meu filho, eu já começo a ficar aflita com essa tua indecisao. Que se passa contigo?

Dorival - É que, mãe... a senhora sabe... Essas coisas de coração...

Hortencia - Ah, bem!... Agora já começo a compreender o que é que te aflige. Com toda a certeza vens me dizer que estás gostando de alguma menina e estás receoso da minha desaprovação; não é isto?

Dorival - Exatamente, mãe. A senhora acertou.

Hortencia - Bem... si a menina fôr boa e digna de ti... não vejo razão para que estejas assim tão indeciso e nervoso. Afinal... todos os rapazes precisam casar um dia.

Dorival - A menina é muito boa, sim, mãe e... e a senhora a conhece bastante.

Hortencia - Eu a conheço? Muito bem. Vamos, então a saber o seu nome.

Dorival - É... é Maria, mãe... Maria dos Prazeres...

OPERADOR - RAJADA MUSICAL FORTE, SEM CORTAR A CENA.

Hortencia - (choque) Como... como foi que tú disseste?!... Eu... eu tenho a impressão de que não ouvi muito bem.

Dorival - Ouviu, sim, mãe... É... é dela mesma que eu... que eu gosto...

Hortencia - De Maria?! Sua irmã?!... (Pausa longa) E ela... sabe disto?

Dorival - Sabe, sim, mãe... Sabe e... corresponde ao meu amor.

Hortencia - (depois de pausa) Pois bem, você diga a ela que venha aqui falar comigo e espere no seu quarto a minha resolução.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA PARA FINAL DO 1º ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA PARA O 2º ATO.

Narradora - Dorival saiu da sala de musica sem poder imaginar qual seria a resolução de dona Hortencia. Antes que tivesse chegado à sala de jantar, encontrou Maria no corredor, procurando adivinhar nos seus olhos o resultado da entrevista com sua mãe. Ao saber que dona Hortencia queria falar-lhe, começou a tremer toda, dos pés à cabeça. Seu primeiro impeto foi o de recuar e abandonar de vez aquela aspiração tão louca, mas... no ponto a que as coisas haviam chegado não havia outra saída senão encarar de frente a situação. Passou a mão nos cabelos, ergueu o corpo curvado pela emoção e pelo receio e se dirigiu para a sala de música. Momentos depois, encontrava-se frente a frente com dona Hortencia.

Maria - A senhora... mandou me chamar?...

Hortencia - Sim. Sente-se aqui que precisamos conversar.

Maria - Sim senhora.

Hortencia - (depois de pausa) Ha dezoito anos que você se encontra debaixo do meu teto, onde sempre foi tratada com todo o carinho; não é verdade?

Maria - (tímida) É, dona Hortencia.

Hortencia - Eu a criei de pequenina e eduquei-a da mesma maneira como eduquei ao meu filho. Nunca fiz, nesse particular, nenhuma diferença entre um e outra. Não é verdade também?

Maria - É, dona Hortencia.

Hortencia - Sempre dei a você tudo quanto necessitou e tudo aquilo que você desejou. Ou não dei?

Maria - Deu, sim, dona Hortencia.

Hortencia - Sempre achei justos os seus desejos e razoáveis as suas aspirações; entretanto, agora... quer me parecer que você está se excedendo nas suas pretensões. Meu filho acaba de me fazer uma revelação que me deixou verdadeiramente estupefada. Eu confesso, Maria, que nem sei mais o que pensar a seu respeito.

Maria - Dona Hortencia, eu... eu lhe juro que não foi por minha vontade. Afianço-lhe que... que reuni todas as minhas forças para reagir contra este sentimento, mas... a senhora compreende... a convivência diária... dificultou por demais a minha tarefa...

Hortencia - (severa, porem calma) Você foi imprudente, Maria. Não devia a não podia contar apenas com as suas forças. Devia ter sido franca comigo, abrindo-me logo o seu coração, para que eu a ajudasse, antes que você pudesse vir a sofrer e que vai sofrer agora. (Pausa e tom) Você não pode pensar que eu esteja de acordo com esse casamento; não é assim? (Pausa longa) Si pensa, sou obrigada a lhe dizer que você está redondamente enganada. Eu a quero bem, sempre a tratei da melhor maneira possível, mas... em se tratando do futuro de meu filho, não vacilarei em tomar medidas extremas. E si em você existem motivos de gratidão para comigo, é chegado o momento de você me demonstrar que é realmente grata. (Pausa longa) Que me responde?

Maria - (depois de pausa, gaguejando e quasi a chorar) Não sei, dona Hortencia... juro-lhe que não sei... Que deseja a senhora que eu faça?

Hortencia - Que desiluda completamente o meu filho a respeito do seu amor.

Maria - Não sei, dona Hortencia, não sei... eu... eu talvez não tenha forças para tanto...

Hortencia - Mas é preciso que as tenha.

Maria - Se não o visse e convivesse com ele diariamente, ainda poderia ser que eu encontrasse forças para reagir, mas assim... todos os dias juntos... É difícil... muito difícil...

Hortencia - Se quiser, eu darei a você uma importância mensal, para que você passe a morar num pensionato qualquer, onde poderá estar livre da presença dele.

Maria - (profunda decepção) A senhora... a senhora concordaria... em que eu... em que eu fôsse morar num outro lugar qualquer?

Hortencia - Seria a maneira mais eficaz de lhe garantir uma vitória sobre o seu coração. (Pausa longa) Que me diz? Concorda em ir morar num pensionato?

Maria - Si é esse o seu desejo...

Hortencia - O meu desejo era de que você pudesse continuar aqui, mas como nem você mesma tem confiança nas suas forças... não vejo outra solução.

Maria - (Engolindo os soluços) Está bem, dona Hortencia, eu... eu sairei amanhã.

Narradora - (depois de pausa) Maria dos Prazeres voltou para o seu quarto inteiramente arrasada. Enquanto arrumava as malas para a mudança, as lágrimas corriam silenciosas pelas suas faces. Dona Hortencia foi em seguida para o quarto do filho e não lhe foi muito difícil convencê-lo de que deveria, primeiro, fazer um curso de especialização no Rio de Janeiro. Na volta, se ainda persistisse na mesma ideia, ela estaria disposta a aceder à sua vontade. Maria recusou o auxílio de dona Hortencia e foi procurar abrigo na casa de Zulmira, a companheira que, como ela, amara o moço branco filho da patrão e fôra por ele torpemente enganada.

Maria - (Chora discretamente)

Zulmira - Deixa de choro, bobalhona. Então tu não vê que as lágrimas não resolve nada? Faz como eu fiz que tu não te arrepende: forceja e arranca de ti esse malvado desse amor que tu é bonita e não ha de faltá quem cuide de ti.

Mária - (chorando) Mas eu não quero essa vida, Zulmira, não quero. Eu, desde menina, que alimento um grande sonho: casar como as moças brancas, de véo e grinalda, na Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes que é a minha madrinha.

Zulmira - E vivê depois num porão, passando roupa a ferro pra sustentá um ma-landrão qualqué? Eu também já tive pensamento nessas bobage e já chorei por amor, mas hoje?... hoje eu acho até graça de tê chorado. (Tom) E tú te lembra que eu andava sempre mal vestida; não te lambrá? (Pausa) Chega aqui. Vem vê o meu guarda roupa.

CONTRA REGRA - PASSOS - ABRIR GUARDA ROUPA.

Zulmira - (depois de pausa) Óia aí. (Nova pausa) Até vistido de veludo eu tenho. Sapato de pulseira e tudo. E tú pensa que eu vivo arreganhando os meus dente pro Ogênio? Pois sim! Trato ele de cima. Eu, tô no sobrado, ele tá lá em baixo, na sargeta. E tem que sê assim, tú sabe, Mária? Tem que sê assim porque a vida é assim e é desse jeito que os home gostam de sê tratados. (Tom) Se a gente cai na bobage de mostrar pra um home que gosta dele... tá perdida. Eles faz da gente gato e sapato. E ainda tem uma coisa: o casamento não resolve coisa nenhuma, porque o home depois que casa, acha que a mulhé tá garantida pra ele e aí mesmo é que não dá mais importancia pra ela. Vivem de amasiada, como eu vivo, eles tão sabendo que a gente também não tem nenhum compromisso com eles e então ó: tratam de agradá bem a gente pra gente não dexá eles sem companhia. Feiz como eu fiz que tú vai vê como tá vai levá outra vida.

CONTRA REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APROXIMA.

Eugênio - (chegando) Boa noite.

Mária - (Boa noite.

Zulmira - Ué, qué é isso? Por que tú veio tão cedo pra casa, home?

Eugênio - Vou fazê serão na oficina, preciso jantá mais cedo.

Zulmira - A janta tá lá na cosinha. Vai lá e esquece.

Eugênio - Essa moça quem é?

Zulmira - Não é da tua conta.

Eugênio - Ué, e eu não posso sabê quem é?

Zulmira - É uma amiga que veio passá uns dia aqui em casa, pronto. Por que? Não gostô?

Eugênio - Ué! Que bobagem é essa? Eu não disse nada. O que eu tô vendo é que tú, hoje, não tá muito boa de gênio.

Zulmira - Tô com dor de cabeça, não tô pra muita conversa.

Eugênio - Tú quê que eu vá buscá uns comprimido na farmácia?

Zulmira - Quero é que tú me deixe dinheiro pra nós i no cinema. A Maria tá muito nervosa, precisando se distrair e eu também.

Eugênio - (depois de pausa) Tá aqui.

Zulmira - Não embala, velhinho, cresce. Cresce que esse tá muito rasterinho.

Eugênio - Rasterinho por quê? Então vinte pila não chega pras entrada das duas?

Zulmira - Eu não tô perguntando si chega ou si não chega. Eu tô é querendo mais. Como é? Tú vai dá ou não vai dá? (Pausa) Ah, bom. Agora sim. Cincoenta bico já é uma conversa diferente. (TOM) E agora vai duas veis aquecê a tua janta, sinão tô vai chegá atrasado no serviço.

CONTRA REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTA.

Zulmira - (depois que os passos sumiram) Tá viu? É assim que eles gostam que a gente trate eles.

NARRADORA - (depois de pausa) Daquela dia em diante, Maria dos Prazeres passou a viver em companhia de Zulmira, trabalhando como bordadeira para garantir o seu sustento. (Pausa e tom) Eugênio, o companheiro de Zulmira, tinha um amigo e cônjuge de oficina que costumava, aos domingos, ir almoçar na companhia deles. Era um homem maduro mas muito dado às mulheres. Ao avistar-se com Maria dos Prazeres, ficou logo embeijado por ela.

Olavo - Essa mulata tem o seu valor, dona Zulmira. É uma mulata e tanto!

Eugênio - Que adianta sê, si não fais uso?

Zulmira - Tá sabe que ela tá triste, Ogênio. Tave um desgosto com o rapaz que ela namorava, sabe seu Olavo? E hoje ela ainda tá mais triste porque onte ela soube que ele foi embora pro Rio de Janeiro e então não para de chorá.

Olavo - Uma mulhã desse pelo não tem que chorá por home. Deve de tê monte atraia dela.

Eugênio - Também não adianta tê. Dis que quê se casá de véo e grinalda... isso afugenta logo.

Olavo - Que afugenta, afugenta. Casá é pra essa gente rica que não tem pena

de gastá dinheiro com padre e com juiz e depois, si não dé certo, ainda pode pagá advogado pra separá. (TOM) Eu, casá com ela não caso. Não vô botá colera e corrente se posso andá solto no pátio, mas... si ela quizé vivê comigo... eu dá tudo pra ela. Ela não precisa nem trabalhá.

Zulmira - É o senhor, seu Olavo, não é de qualquê uma desprezá. O senhor já tem os seus pertence.

Olavo - Grande coisa não é. Uma casa de material, sem um terreno mais ou meno, uma criaçãosita meio regular e um caninhão de serviço que sempre dá uns cobrezinho no fim do mês.

Eugênio - Isso sem contá o ordenado da oficina que te dá folgado pras despesa.

Olavo - Bueno, mas a gente tem que se virá de todos os lado pra arrumá os dinheiro, sinão... fica sempre na mesma coisa.

Zulmira - É o que eu tô dizendo todos os dia pro Ogênio: faz como o seu Olavo. Te vira pra juntá umas prata pra comprá um artomove e butá ele na praça. Ele acha que não precisa se incomodá, que o que ele ganha na oficina chega muito bem pra gente vivê... Não digo que não chegue, mas a quistã é que a gente ganhando mais tá sempre mais garantida.

Olavo - Isso nem têm que vô. (TOM) Olha aqui, dona Zulmira, a senhora depois conversa aí com a mulata, diz pra ela as minhas tenção e vô se arregla as coisa. Eu acho que é capais que dê no jeito e a gente se acomode bem.

Narradora - Quando ao cair da noite seu Olavo se retirou da casa dos amigos, Zulmira foi ao quarto de Maria das Praseres, para transmitir-lhe a proposta. Maria recusou, indignada. Seu Olavo, no entanto, não desanimou. Continuou a persegui-la de mansinho. Tratava-a com todo o respeito e aos domingos trazia-lhe, sempre, um presentinho. Zulmira e Eugênio ajudavam o ~~marx~~ amigo exaltando-lhe as qualidades. Certo dia, desesperada com aquele círculo de ferro que se fechava aos poucos em torno dela, Maria foi se aconselhar com Quitéria, uma outra pardinha de quem se fizera amiga e que trabalhava, como ela, de bordadeira na mesma casa.

Quiteria - Tú tem esperança que o Dorival volte um dia e tú ainda possa te casá com ele?

- Maria - Não, Quitéria. Toda a minha esperança se desfez no dia em que eu soube que ele está noivo de uma prima muito rica e muito bonita.
- Quitéria - Ah bom, então tá nem pode tá esperança, mesmo. O dinheiro tem muita força, ainda mais ela sendo bonita também.
- Maria - (triste) Pois é...
- Quitéria - (depois de pausa) Escute aqui: e esse camarada que que vivê contigo tem alguma coisa?
- Maria - A Zulmira e o Eugênio me garantem que sim. Dizem que ele tem uma casa de material, tem uma criação de galinhas, tem um caminhão e ainda ha poucos dias diz que comprou uma garagem. E além de tudo isso ele ainda tem o emprego da oficina onde dizem que ele ganha muito bem.
- Quitéria - Pois então? É um sujeito limpo de aparência? Dá gosto se olhá pra ele?
- Maria - Não é um homem fino nem elegante, isso não. Mas ele tem bom aspecto.
- Quitéria - Pois então? E por que tá não aceita a proposta dele, bobalhona?
- Maria - Quitéria, eu sempre alimentei o sonho de me casar de véo e grinalda, como as moças brancas.
- Quitéria - E ele não era capaz de casá contigo?
- Maria - Já me disse francamente que não.
- Quitéria - Mas então qual é a vantagem que ele te promete?
- Maria - Diz que comprará uma casa para mim e si eu souber ser boa companheira que abrirá uma caderneta no meu nome.
- Quitéria - Uma casa e uma caderneta? E tá ainda tá com chove não molha? Credo, Maria, nunca pensei que tá fôsse tão boba. Só pra mim é que não aparece uma sopa dessas. O que é que tá tá esperando, bobalhona?
- Maria - Eu já te disse, Quitéria. Eu queria me casar de véo e grinalda, como...
- Quitéria - (cortando) Ora, casá, casá... Isso não é pra nós, te convence. Tomá ra a gente encontrá um que se junte, tá ainda que pensá em casá? Tira essas ideia maluca da cabeça, guria. Casamento é pra quem pode. E quem pode, pode, quem não pode se sacode.
- Maria - (suspirosa, depois de pausa) É... eu estou vendo que todos pensam diferente de mim, logo... "eu" é que devo estar errada. Talvez eu deva mesmo aceitar o seu Olavo. Quem sabe, até, se tudo isto não me vem imposto por Deus como um castigo às minhas altas pretensões? Sim, deve

ser isto: um castigo de Deus para quebrar a ambição e o orgulho de Maria dos Prazeres. Logo... não terei outro remédio senão curvar a cabeça a uma vontade mais forte... e aceitá-lo.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA FINAL DO 2º ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA PARA O 3º ATO.

Narradora - Acossada por todos os lados, Maria dos Prazeres sentia a sua resistência diminuir pouco a pouco. O seu sonho do véu e da grinalda já não era sonhado com tanta insistência e seu Olavo, nas suas continuas visitas à casa de Zulmira, já recebia, de vez em quando, um sorriso mais terno da tentadora mulata. Um dia, ele se encheu de coragem e falou diretamente a ela:

Olavo - Como é? Você não vai resolvê nada daquela minha conversa da gente juntá o que é nosso?

Maria - Não sei, seu Olavo. Eu penso... penso... mas não chego a resolver coisa nenhuma.

Olavo - Você tá querendo querê mais tá assustada, não é isso?

Maria - Para lhe dizer bem a verdade, seu Olavo, eu... eu ainda não sei bem si quero ou si não quero. Às vezes eu penso que será melhor para mim, mas logo a seguir a minha consciencia parece que me diz que eu não estou pensando direito.

Olavo - Que consciencia nem consciencia, menina. Bota essa bobagem pro lado. O que é que a sua consciencia tá querendo que você faça? Que passe os dia inteiro sacrificando esse olho tão bonito num bordadinho que le rende uns magro tostão, quando você podia tê tudo sem precisá trabalhá? Mande a consciencia plantá fava e trate de cuidá melhor do seu corpo, é o que é

Maria - Não sei, seu Olavo... não sei...

Olavo - Você não sabe mas sei eu que sou mais velho e conheço a vida. Você vai dá um pontapé na sua sorte, pode escrevê o que eu tô le dizendo. Não é pra me gavar mas eu sei que sou bom sujeito e que um dia você vai se convencê disso, vai se arrependê mas vai sê tarde. Ai vai torcê as orelha e não vai sai sangue. Olhe, menina, as coisa bôa que bate na porta da gente e a gente refuga, não vem batê segunda veis, pode tá certa.

Maria - Eu sei, seu Olavo, eu sei, mas... mas eu não quero me precipitar. Espere mais um pouco. Pode ser que eu ainda me resolva.

Olavo - Bueno, mas eu não v^o esperá a vida inteira e já fais um bucado de tempo que eu tô esperando. Pelo meno marque um dia certo pra eu sa**ber** o resolvido. Sim ou não. Nesse balanço é que não dá pra gente con**tinuar** porque eu acabo mareado sem me dá conta.

Maria - Está bem, seu Olavo, eu vou lhe marcar uma data para uma resposta definitiva. No dia dois de Fevereiro é o dia de Nossa Senhora dos Navegantes que é a minha madrinha. Uma semana antes, eu lhe direi sim ou não. E si eu tiver me resolvido a aceitar a sua proposta, já nessa festa n^{os} nos apresentaremos juntos. Está combinado?

Olavo - Tá bem. Dêis que não tenha otro jeito... o remedio é esperá mais um pouco.

NARRADORA - Maria dos Prazerês atravessou os dois meses que ainda faltavam para a realização da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, na mesma indecisão de aceitar ou não a proposta de seu Olavo. E na mesma indecisão ela chegou ao dia em que lhe deveria dar a resposta definitiva, ou seja: uma semana antes da referida festa. Quasi na hora do homem chegar, Zulmira tivera o cuidado de lhe dar os seus últimos conselhos.

Zulmira - Tã v^o bem o que tú vai fazê, Maria. Tú não vai fazê bobage de dá ponta pé na sorte. O home é bom e tú vai te acertá com ele. Depende só de tú querê.

Narradora - Quitéria, por sua vez, dissera-lhe uns momentos antes:

Quiteria- Essa bobage de querê casá de véo e grinalda, é pras branca ricas. Poore não tem luxo, Maria. Não pode, fais como pode. Fôsse comigo, eu não pensava duas ves.

Narradora - E antes, ainda, de Quitéria, já na hora do almoço, seu Eugênio dissera:

Eugênio - O home é bom e desposto pro trabalho. V^o le dizê que a mulhé que pegá ele é só uma quistã de se ageitá. Gênio bom ele tem.

Narradora - E tanto todos insistiram no assunto que Maria acabou persuadida de que quem estava errada era ela. Decidiu-se, então, a dizer "sim" ao seu pretendente, embora, dentro dela, a dúvida permanecesse inpe**recivel**. E foi, ainda, escravizada a essa dúvida que a pobre rapariga

condicionou a sua resposta a uma última exigência.

Maria - Está bem, seu Olavo, eu aceito de viver na sua companhia, mas só ~~passarei~~ passarei a morar na sua casa no dia seguinte ao da festa da Nossa Senhora dos Navegantes. Serve assim?

Olavo - Bom, qué dizê... Servi, serve. Quem esperô tanto tempo espera mais oito dia. Mas inda que mal pergunte: por que essa coisa?

Maria - Bem, é que... é que eu sempre visitei a madrinha, nesse dia, como moça solteira, entende? Si eu me juntasse com o senhor agora, eu sei que não ia ter coragem de aparecer na igreja naquele dia e... e eu não queria deixar de ir... Todos os anos fui...

Olavo - Tá, tá bem. É de justo. Eu espero.

Narradora - Seu Olavo exultou com a perspectiva de ver realizado o seu ideal. Pouco expansivo, porém, a maneira que encontrou para manifestar a sua alegria íntima foi a de encher de presentes a sua futura companheira. Comprou logo, para ela, um vestido de seda ramalhada - para que fôsem juntos ao largo da Igreja, no dia da festa, assistir a venda de tumbolas e a quâina de fogos - e deu-lhe, também, sapatos e bolsa de verniz, um anel de pedra verde e um par de brincos de prateado. O dia chegou, finalmente, e Maria se preparou para ir à Igreja. Estava lindíssima! Na praça, todas as moças olhavam-na com inveja e despeito; os moços com admiração e cobiça. E o dono da Garage já se sentia dono também daquele pedaço de tentação ambulante, enfiando-lhe o braço e olhando os outros homens com empáfia. Maria dos Prazeres já começava a sentir um estranho prazer naquelas olhares de admiração que começava a perceber em sua volta. Principlava a sentir que era realmente bonita e aquela certeza acordava-lhe a sua vaidade de mulher. (Pausa e tom) Depois de comer pipocas e melancia... de comprar várias tumbolas... de jogar as argolas e dar tiros ao alvo, ela desejou entrar na igreja para ver a sua madrinha em roupagem de festa. Sabia que naquele dia o seu manto seria outro, mais bonito e mais rico nos bordados de prata. Seu Olavo era incrêo e preferiu ficar na porta do templo, do lado de fora, à sua espera. Ela entrou com dificuldade, mas conseguiu chegar ao altar de Nossa Senhora que se encontrava sobre uns cavaletes, ao meio da nave.

OPERADOR - ENTRA COM FUNDO DE MUSICA RELIGIOSA, DE PREFERENCIA EM ÓRGÃO -
MUSICA SUAVE E BONITA.

Narradora - Maria dos Prazeres se ajoelhou e, de mãos postas e olhos baixos, rezou, quasi que automaticamente, um Pai Nosso e uma Ave Maria, mas a sua atenção não estava nas palavras da reza; estava em si mesma, na sua beleza, no vestido de seda ramalhada, no seu anel de pedra verde, nos seus brincos de pingente, na admiração que a todo o momento despertava!... Estava linda, a mulata, de joelhos e de mãos postas!... (Pausa e tom) Antes de se levantar, elevou os seus olhos a Santa, para ver o seu manto novo bordado de prata, mas... por acaso ou determinação superior, encontrou os olhos da Madrinha e teve a impressão nitida e clara de que eles estavam marejados de lágrimas. Fitou-os demoradamente para ter a certeza de que não se iludira e foi então que o milagre aconteceu. (TOM) Os lábios da Santa se entreabriram num sorriso triste e a sua voz doce começou a penetrar no coração de Maria dos Prazeres.

N.Senhora- (voz toda suavidade e docura) Minha filha querida: estou triste contigo. Esqueceste o teu sonho? Eu que esperava um dia receber-te aqui, nesta minha casa, de véo e grinalda como as moças brancas! Eu que preparava um cortejo de anjos para receber-te! Anjos tão puros e tão belos como puro e belo foi, até a poucos dias, o coração que guardas no teu peito!...

Maria - (voz trêmula de pranto, sussurrante) Meu amor me deixou. Esqueceu-me de mim. Deixou-me só e desamparada, cobrindo com o véo cinzento da descrença o céu cheio de estrelas do meu sonho!

N.Senhora- Os que creem e esperam, nunca são desamparados, minha filha. Se tivesses paciência de esperar que as nuvens da descrença se dissipassem, havias de ver brilhar, novamente, no horizonte infinito da esperança, a luz de outras estrelas refulgentes!... (Pausa e tom) A estrada que escolheste é áspera e sombria. É crivada de cardos e de pedras...

Maria - (Começa a soluçar baixinho)

N.Senhora- (sem interromper)... e antes de que a tenhas percorrido, has de sentir a dor dos pés feridos!... (Pausa) Eu te lamento, minha filha,

tanto, que as lágrimas que brilham nos meus olhos, são de tristeza por te ver perdida!...

Maria - (rompendo em soluços pungentes, na ía voz) Tenha pena de mim! Salve-me! Salve-me! Arranque-me do abismo que me espera! Eu quero ser feliz! Eu quero ser honesta! Quero voltar um dia aos vossos pés... com o véo... e a grinalda nos cabelos!.. (Soluços baixos)

N.Senhora - Óra graças a Deus que tã me ouvistes!... Óra graças a Deus que te salvastes!... (Pausa e Tom) Vai... e confia em mim. Eu te ajudarei!

OPERADOR - SOBRE POR MOMENTOS A MUSICA RELIGIOSA EM FUNDO PARA VOLTAR A B/G.

Narradora - Maria dos Prazeres se levantou. Beijou o manto azul da sua madrinha e em vez de voltar à porta principal do Templo, onde o dono da Garage a esperava, buscou a porta lateral e confundiu-se na multidão. Ele se cansou de procurá-la inutilmente e terminou voltando à casa de Zulmira, mas lá também ela não aparecera. Todos a procuraram com vivo empenho, mas... nunca mais ninguém soube da mulata. (Pausa e tom) Passados alguns meses, os fiéis que, por acaso, naquela mesma igreja se encontravam, viram chegar, modesta e sorridente, uma noiva tão linda como a santa, com seu véo e uma grinalda nos cabelos. A cerimonia foi rápida e foi simples. Ao terminar...

Duarte - Tá te sentes feliz, minha querida?

Maria - Como a que mais o possa ser, amor!

Duarte - E prometes querer-me sempre? Sempre?

Maria - Hei de querer-te enquanto me quizeres.

Duarte - Hei de dar-te uma vida de venturas, suprimdo com amor, sincero e puro, tudo aquilo que possa te faltar.

Maria - Nada me falta, amor. Eu tenho tudo! porque te tenho a ti que és um encanto... e o meu sonho de amor realizado!...

OPERADOR - SOBRE POR ALGUNS MOMENTOS A MUSICA EM FUNDO E VOLTA A B/G.

Narradora - Maria dos Prazeres, ternamente, levantou seus olhos verdes para o altar. A Virgem lhe sorria! E na musica suave do ambiente, a voz da santa, como aquela noite, parecia dizer-lhe com carinho:

N.Senhora - (suavissima) Sê feliz, minha filha! Sê feliz!...

Narradora - Lá vai ela deixando o Templo, agora, pelo braço do esposo sorridente...

OPERADOR - ENTRA COM SINOS REPICANDO FESTIVAMENTE EM B/G.

Narradora - (sem parar) ... e a brisa que do mar bateja o áfro, vai de leve
fazendo esvoçar... o seu véo... a grinalda... e os seus cabelos!

OPERADOR - SOBRE POR MOMENTOS OS SINOS EM FUNDO, FUNDE COM MUSICA RELIGIOSA
QUE A SEGUIR É SUBSTITUIDA PELA CARACTERÍSTICA PARA ENCERRAR.